



*Artigo  
da capa*

# **Economia da longevidade: um caminho para o desenvolvimento econômico**

[Artigo 1, páginas de 8 a 31]





### **Jorge Felix**

*Doutor em Ciências Sociais e mestre em Economia Política (PUC-SP), professor doutor de Gerontologia da Universidade de São Paulo (EACH), na graduação e pós-graduação, professor de economia na pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pesquisador do Centro de Estudos da Economia da Longevidade e jornalista. É autor do livro "Viver muito" (Ed. Leya) e comentarista de longevidade da Rede Globo. [jorgefelix@economiadalongevidade.com.br](mailto:jorgefelix@economiadalongevidade.com.br)*

**RESUMO**

A *economia da longevidade* é um conceito em discussão em todo o mundo. Depois da crise global iniciada em 2008, tornou-se uma estratégia de política industrial suscitada pela dinâmica demográfica do planeta. Este artigo expõe o conceito, as experiências internacionais, em particular da França, e debate as possibilidades e limitações para o Brasil emular essa nova oportunidade de desenvolvimento econômico. Logo após a introdução, na qual é apresentado um panorama e o contexto da emergência da economia da longevidade, o conceito é detalhado na segunda seção. Na sequência, o caso francês é especificado como modelo mundial e uma breve quarta seção é dedicada à Gerontecnologia, devido à sua importância como polo inovador. A quinta seção traz uma visão crítica sobre o Brasil. Por fim, nas considerações finais, é feita a defesa de uma alteração do ponto de vista das políticas públicas em relação ao envelhecimento populacional brasileiro – de custo para receita – e do imediato investimento em P&D para o Brasil se integrar de uma maneira promissora a esta “corrida populacional” que definirá a posição relativa das nações no comércio mundial nas próximas décadas.

**Palavras-chave:** envelhecimento populacional, economia da longevidade, gerontecnologia, desenvolvimentismo, política industrial.

**ABSTRACT**

*Longevity economy or silver economy is a concept under discussion around the world. After the global crisis that began in 2008, it became an industrial policy strategy prompted by the demographic dynamics of the planet. This article exposes the concept, the international experiences, particularly of France, and discusses the possibilities and limitations for Brazil to emulate this new opportunity for economic development. Immediately after the introduction, in which a picture is presented and the context of the emergence of the silver economy, the concept is detailed in the second section. Following up, the French case is specified as a world model and a short fourth section is dedicated to Gerontechnology, due to its importance as an innovative core. The fifth section brings a critical view on Brazil. Finally, in the final considerations, the defense of a change from the point of view of public policies in relation to Brazilian population aging – from charge to revenue – is made, and the immediate investment in R&D for Brazil is integrated in a promising way to this "populational race" that will define the relative position of nations in world trade in the coming decades.*

**Keywords:** ageing population, silver economy, longevity economy, gerontechnology, developmentalism, industrial policy.

## **INTRODUÇÃO**

Desde a década de 1970, devido ao aumento do custo da energia (petróleo, principalmente), a economia mundial assiste a uma grande transformação estrutural em todas as dimensões. O Estado foi pressionado a reduzir sua presença na área social, abandonando as premissas de pleno emprego e bem-estar universal na condução das políticas públicas. As empresas passaram por forte readequação, delegando tarefas a terceiros e, conseqüentemente, descartando mão de obra considerada supérflua ou duplicada – punindo, assim, as duas pontas da força de trabalho, os mais jovens e os mais velhos.

A lucratividade dos investimentos na indústria passou a ser submetida, em escala inédita, à comparação com os ganhos em juros na esfera financeira. Desta maneira, o trabalho sofreu com a tendência à desvinculação ou, em outras palavras, a uma descontinuidade das carreiras em benefício de variadas simulações de trabalho informal<sup>1</sup>. A globalização provocou uma deslocalização das indústrias para países de inserção tardia na economia capitalista, colocando o custo unitário do trabalho em concorrência global pela primeira vez na história. Tudo passou a ser flexível, líquido, informacional<sup>2</sup> (ou virtual).

O mundo envelhece sob esse modelo de economia globalizada cujas conseqüências foram ainda mais acentuadas com o desaguar desse processo na maior crise financeira do liberalismo em quase um século, iniciada em 2008 nos Estados Unidos (conhecida como a “Grande Recessão”). Essa reconfiguração reforçou uma visão do envelhecimento populacional apenas como “bomba relógio” ou “tsunami”, para usar as metáforas de catástrofes mais frequentes na literatura ou na sabedoria convencional<sup>3</sup>. Essas imagens do fenômeno demográfico produzidas



**A globalização provocou uma deslocalização das indústrias para países de inserção tardia na economia capitalista, colocando o custo unitário do trabalho em concorrência global pela primeira vez na história. Tudo passou a ser flexível, líquido, informacional (ou virtual).**

**Artigo 1**

Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

pela economia liberal aprofundaram o preconceito contra a pessoa idosa (o idosismo) no ambiente coletivo e em nada contribuíram para a equação social.

As populações foram culpabilizadas por essa lógica econômica seja pela grande vitória da modernidade, o fato de vivermos mais e em melhor saúde, seja por suas deficiências, a queda na taxa de fecundidade (o número de filhos por mulher). Uma pergunta inevitável sobrevém desta realidade: se estamos vivendo com maior qualidade de vida, por que estamos legando essa riqueza a cada vez menos seres humanos, no extremo oposto da sentença final do machadiano Brás Cubas? Mas esse é um tema longe que está demais do escopo deste artigo. O objetivo aqui é destacar a estreita visão da economia *mainstream* sobre o envelhecimento populacional.

Até hoje, esse tema foi tratado exclusivamente pelo lado da despesa. De uma forma até doentia, poder-se-ia afirmar com legitimidade sustentada pela esfera pública e também pela literatura, centrada de maneira monocórdia na questão da Seguridade Social, em específico na Previdência Social. Através das lentes fiscalistas de boa parte desses economistas, o envelhecer é apenas um fardo nas contas de governos nos níveis federal, estadual e municipal. Durante muitas décadas, essa miopia era global.

Todavia, depois do início da citada crise de 2008, os países ricos perceberam que esta concepção fiscalista da demografia apenas acentuaria um *capitalismo de desconstrução*<sup>4</sup> – desconstrução de tudo o que custara duas guerras mundiais para ser construído em termos de bem-estar social. Em outras palavras, a desconstrução de um amplo pacto (social, financeiro, produtivo, cultural) em nome da democracia e da paz.

A despeito de a visão fiscalista ainda ser hegemônica, evidentemente, com forte pressão para corte de despesas sociais em todo o planeta, emergiu uma nova visão sobre o envelhecimento populacional. Ela valoriza menos o caráter de despesa da dinâmica demográfica e acentua mais uma estratégia de superar desafios pelo lado da receita, isto é, da



**A despeito de a visão fiscalista ainda ser hegemônica, evidentemente, com forte pressão para corte de despesas sociais em todo o planeta, emergiu uma nova visão sobre o envelhecimento populacional.**

geração de riqueza suscitada pelo novo perfil da população. Alguns países perceberam que confinar o tema do envelhecimento apenas na coluna dos custos só desconstruirá os alicerces sociais, sem substituí-los por uma conformação promissora, principalmente em termos de distribuição de renda.

O princípio econômico a nortear essa nova visão é básico. Se a origem da palavra economia é *oikos* (casa) + *nomia* (estudo), ou seja, estudo da casa, em extensão, o estudo da menor unidade de orçamento, o domicílio familiar, e se essa família ganha outra configuração – com menos crianças e mais idosos – naturalmente a estrutura do consumo será também transformada e, em último grau, a estrutura da produção deve ser adaptada à demanda. Dito de outra forma, a nova família altera sua cesta de necessidades e de consumo.

A essa transformação estrutural denomina-se *economia da longevidade* (*silver economy* ou *longevity economy*), conceito que logo será tratado com mais especificidade. Por enquanto, nesta introdução, considero importante justificar a defesa de dois pontos de ação no que respeita o nosso tema principal. Em primeiro lugar, essa é uma transformação na economia mundial e está provocando, como denomino, uma “corrida populacional” no comércio internacional. Aqueles países capazes de inovar e produzir com mais rapidez as mercadorias que atenderão às necessidades dos consumidores mais longevos e de suas famílias, garantirão parcela maior, é indubitável, no mercado global. Com um adendo: como a tecnologia é a mediadora de tudo na vida contemporânea, estamos tratando de produtos de alto valor agregado, principalmente na área da gerontecnologia, como será exposto a seguir.<sup>5</sup>

O segundo ponto é a necessidade de inclusão da economia da longevidade nos currículos escolares, em acordo com o Artigo 22 da Lei 10.741/2003 (Estatuto do Idoso) e em consonância com uma nova necessidade de o país adequar sua produção, sua mão de obra, sua área de pesquisa e desenvolvimento às realidades e demandas globais suscitadas pelo envelhecimento da população mundial. Poucas universidades brasileiras estão atentas a esta transformação e urgência. Desde 2007, quando publiquei o primeiro artigo<sup>6</sup> sobre economia da longevidade, o conceito vem conquistando amplo interesse no campo da gerontologia e das ciências sociais, mas sua incorporação pelas instituições de ensino superior, principalmente na área da economia, ainda é tímida. Os cursos de economia ainda estão viciados em se debruçar apenas na questão fiscal.

**Artigo 1**Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

O Brasil, portanto, está atrasado em relação aos países em desenvolvimento na tarefa de ampliar as pesquisas sobre o tema e incluí-lo de maneira sistemática na agenda pública e acadêmica. Em grande parte da Europa, com a França como referência, Estados Unidos, Canadá e Japão, a academia já supre o setor privado com relevante conhecimento para fomentar a economia da longevidade dentro de uma estratégia de política industrial adotada pelos governos<sup>7</sup>. Estimativas de consultorias privadas dimensionam o seu PIB em 7,1 trilhões de dólares nos Estados Unidos, configurando-se assim como a terceira maior economia do planeta.<sup>8</sup>

**UMA OBRA EM CONSTRUÇÃO: DE TERMO A CONCEITO**

O conceito de economia da longevidade é uma obra em construção na literatura a partir de convergências e divergências, como é próprio na formação de novas áreas de conhecimento. Conforme exposto em outra oportunidade<sup>9</sup>, o termo *silver economy* aparece diretamente relacionado ou mesmo como sinônimo de *silver marketing*, no Japão, no começo da década de 1970, quando a dinâmica demográfica do país já avançava em direção ao envelhecimento e a indústria japonesa apresentava seus primeiros produtos direcionados especificamente à população idosa<sup>10</sup>. Em um relatório sob o título “Challenges for Building the Future Society – the Role of Science and Technology in Ageing Society with Fewer Children”, o governo do Japão destacou o potencial de exportação da área da gerontecnologia, porém, ainda sem uma formulação mais elaborada sobre economia da longevidade.

Apenas em 2007, a Comissão Europeia (CE) propôs aos países da União Europeia (EU) adotar uma estratégia estrutural em direção à economia da longevidade. No relatório sobre o futuro demográfico, a CE defendeu a adoção de uma política industrial face à “combinação de boas condições de oferta (altos níveis de dedução, P&D, mercados responsivos e flexíveis) e o crescente poder de compra dos consumidores mais velhos oferecer um novo e enorme potencial para o crescimento econômico”<sup>11</sup>.

Em 2005, já havia sido realizado um evento nos Países Baixos sobre o tema e, no ano seguinte, na cidade de Kerkrade, a conferência foi apoiada pela SEN@R Network, a primeira rede sobre economia da longevidade na Europa, inicialmente com apenas seis países (com destaque para a Alemanha). Este fato é citado para destacar a intersecção original



**Devido à sua capacidade de englobar vários mercados, em 2008, a economia da longevidade foi definida como um “mercado transversal” [...] que não deveria ser considerado como um mercado autônomo ou um segmento da economia por envolver uma diversidade de indústrias e serviços.**

da economia da longevidade com a gerontecnologia, pois, o mesmo relatório estabelecia a relação entre os novos serviços e produtos para a autonomia e a independência, assim como a saúde, com as tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Os autores do relatório também destacavam “a inexistência de uma definição precisa do conceito” (*silver economy*) e a carência de estatísticas, até então, capazes de mensurar o tamanho dessa economia. Mas alertavam assim para o seu potencial:

“Este não é um novo setor da economia, mas sim uma ampla gama de produtos e serviços relacionados à idade em muitos setores existentes, incluindo TICs, serviços financeiros, habitação, transportes, energia, turismo, cultura, infraestrutura e serviços locais, bem como cuidados de longa duração” (CLD).

Devido à sua capacidade de englobar vários mercados, em 2008, a economia da longevidade foi definida como um “mercado transversal” (*cross-section market*) que não deveria ser considerado como um mercado autônomo ou um segmento da economia por envolver uma diversidade de indústrias e serviços<sup>12</sup>. No ano seguinte, Rolf G. Heinze e Gerhard Naegele, ao discutirem a definição do conceito, descolaram definitivamente a economia da longevidade de sua origem, isto é, do termo *silver marketing*<sup>13</sup>. De acordo com os autores,

os dias em que [o termo] se referia apenas a “produtos para idosos” ou “serviços para idosos” relacionados a drogas geriátricas, produtos médicos, produtos de cuidado ou turismo especial para idosos - na maioria dos casos, parte dos serviços sociais clássicos de instituições públicas e organizações sem fins lucrativos - ficaram para trás.

**Artigo 1**Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

O envelhecimento da população, sempre segundo os autores, havia hipertrofiado a transversalidade do consumo de tal maneira a ponto de englobar toda a economia. Embora se referindo a Alemanha, é lícito expandir esse diagnóstico a todas as sociedades envelhecidas ou em processo de envelhecimento. A transversalidade da economia da longevidade, portanto, empurra o Estado a assumir outro papel face à dinâmica populacional. O Estado deve mudar o paradigma – não para o estado “magro”, regulador e fiscalizador, acentuando o individualismo ao atuar, como citam Heinze e Naegele, guiados por uma visão economicista ou fiscalista. Mas é necessária uma “mudança de paradigma” para os gestores (*policy-makers*) construírem uma política pública no âmbito econômico capaz de aproveitar todo o potencial demográfico, sem abrir mão de um papel social. Filósofos e sociólogos mencionam a passagem de um Estado Providência do pós-guerra para uma Estado Solidário ou Acompanhante estabelecido sobre outros pilares diversos da lógica fordista da metade do século passado<sup>14</sup>.

É perceptível na literatura, portanto, a aproximação do conceito com a área pública, demandando para a construção de uma estratégia de economia da longevidade, “ações do setor público”<sup>15</sup> em parcerias com o setor privado, terceiro setor e todo o “ecossistema de economias”<sup>16</sup>, como cita Andrzej Klimczuk, a saber, a economia criativa, economia solidária, economia social e ainda, como acrescento, a economia do cuidado (*care*)<sup>17</sup>. Este aspecto ainda será explorado mais adiante. Por enquanto, o importante, no que respeita a essa, digamos, arqueologia do conceito, é sublinhar seu avanço para a esfera pública como forma de justificar o enquadramento da economia da longevidade como disciplina, tal qual reivindicado desde 2007<sup>18</sup> – a despeito de esta interpretação ainda enfrentar divergências teóricas com, por exemplo, o próprio Klimczuk, mas esse é um debate para outro momento.



**[...] é necessária uma “mudança de paradigma” [...] para os gestores construírem uma política pública no âmbito econômico capaz de aproveitar todo o potencial demográfico, sem abrir mão de um papel social.**

Cabe aqui apenas explicitar que essa visão do conceito como disciplina é que sustenta a tradução de *silver economy* para economia da longevidade, uma vez que a “economia do envelhecimento” (*economics of ageing*) tem (até mesmo pelo seu *journal* mais famoso, editado pelos professores David E. Bloom e David Cuning, da Universidade Harvard), seu escopo principal na demografia econômica. A economia da longevidade, defende-se, tem uma abordagem de política industrial relacionada à teoria econômica desenvolvimentista de base marxista-schumpeteriana pela relevância de aspectos de inovação, empreendedorismo, industrialização e crescimento econômico alavancado pelo setor produtivo<sup>19</sup> em detrimento do financista<sup>20</sup>, sobretudo, por seu caráter de perspectiva de solidariedade para garantir autonomia e independência para o sujeito fim, isto é, a população idosa. Sem essa perspectiva, o conceito perde sua razão de ser.

Esses aspectos ficam mais evidentes nas definições e proposições de políticas no âmbito da CE. Embora adote o mesmo conceito da *Oxford Economics* que, sublinhemos, também adota a palavra “longevidade”, a CE destaca como objetivos da estratégia a reindustrialização dos países da região a partir do atendimento às novas necessidades de consumo da população envelhecida, seja no próprio continente ou, talvez principalmente, em países alhures. Segundo a *Oxford Economics*, é preciso dizer, a economia da longevidade “é a soma de **toda atividade econômica** [grifo meu] para atender às necessidades daqueles com mais de 50 anos e incluindo tanto os produtos e serviços que eles consomem diretamente como a atividade econômica que esse gasto possa gerar”<sup>21</sup>, isto é, o efeito multiplicador keynesiano.

### **UMA POLÍTICA PÚBLICA NO ÂMBITO MACROECONÔMICO: O CASO DA FRANÇA**

Ao longo desta evolução do conceito, a economia da longevidade no mundo (ou o termo *silver economy*) foi, portanto, se distanciando do marketing, onde estava voltado a estudar, detectar, desenvolver e influenciar os consumidores idosos. Poder-se-ia dizer, sem demérito, evidentemente, para a área mercadológica, que o conceito foi elevado à estratégia de política pública ao ser direcionado para a pesquisa e desenvolvimento (P&D), inovação e, sobretudo, uma política industrial com foco em setores emergentes<sup>22</sup>. Entre 2014 e 2018, a UE investiu 2 bilhões de euros apenas no âmbito do projeto Horizon 2020, o principal programa de pesquisa do grupo de 28 países<sup>23</sup>, além de financiamentos por meio das mais diversas agências de fomento em cada país.

**Artigo 1**Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

Na visão da UE, o objetivo desta estratégia está distante de ser apenas um escrutínio dos consumidores idosos e detectar seus comportamentos de consumo, embora essa cartografia seja parte desse ecossistema. Ela se constitui em uma espécie de “nova corrida” ou disputa econômica entre os países para produzirem os produtos e serviços de alto valor tecnológico que serão demandados pelas sociedades envelhecidas, portanto, redesenhando o comércio global. Como literalmente exposto pelos documentos oficiais, o intuito da UE é assumir a liderança na exportação desses produtos, evidentemente, em disputa com a Ásia e os Estados Unidos. A crescente demanda por produtos tecnológicos, como dito, faz da gerontecnologia o coração dessa estratégia<sup>24</sup>.

É importante destacar que, como já abordado em outra oportunidade<sup>25</sup>, o desenho da economia da longevidade para fundamentar uma política criativa para o envelhecimento<sup>26</sup> nunca esteve presente nos planos da Organização das Nações Unidas (ONU). O Plano de Viena, em 1982, resume a questão econômica apenas apontando para as melhores condições de renda dos idosos depois de 40 anos de construção do Estado de Bem-Estar Social. Mesmo no Plano de Madrid, em 2002, considerado um marco na discussão da transição demográfica com significantes progressos ao abandonar as metáforas catastróficas sobre o envelhecimento populacional e sugerir parcerias com a sociedade civil e o setor privado entre seus 35 objetivos e 239 recomendações, a construção de uma política industrial a partir das novas necessidades das famílias como um fator promotor do desenvolvimento econômico foi ignorada. Em outras palavras, esses planos mantiveram o envelhecimento populacional na perspectiva de custos e jamais de geração de riqueza.

Embora de acordo com alguns autores, a visão mais contemporânea da economia da longevidade tenha sua origem em documentos oficiais da Alemanha<sup>27</sup>, a França consolidou um pioneirismo em adotar, de fato, uma ação governamental a partir de 2013, tornando-se um exemplo a ser emulado, segundo recomendação da própria UE<sup>28</sup>. Portanto, os estudos da economia da longevidade passam por uma análise detalhada e acompanhamento das políticas adotadas, desde então, pelo governo francês. Em outubro de 2016, o país promoveu uma espécie de relançamento da estratégia, com novas metas a atender às necessidades de uma população de 25 milhões de pessoas com mais de 65 anos em 2030<sup>29</sup>.

O ministro da Economia e das Finanças, Bruno Le Maire, é transparente: “Nossa ambição comum é simples: posicionar a França como um ator líder nessa economia. Isso requer evidentemente que

nossas empresas tenham a capacidade de se projetar fora de nossas fronteiras e de conquistar mercados em pleno desenvolvimento”.<sup>30</sup> Em 2018, a França assinou um memorando de intercâmbio com a China, durante a visita do presidente Emmanuel Macron, especificamente sobre economia da longevidade nos dois países para “promoção de ambos os mercados e desenvolvimento de projetos”. Ainda de acordo com o ministro, a França já exporta seu *savoir-faire* para a Ásia e outros países europeus na área de gestão de instituições de longa permanência para idosos (ILPIs). O Brasil também já começa a demandar por esse conhecimento, serviços e empresas francesas.<sup>31</sup>

A elaboração da estratégia francesa já foi amplamente relatada em outras oportunidades<sup>32</sup>. O espaço aqui será aproveitado para, além da atualização do estado da arte do tema naquele país, apresentar novos números sobre as perspectivas francesas para a economia da longevidade. De 2013 a 2015, a estratégia governamental acompanhou a elaboração e edição da Lei de Adaptação da Sociedade ao Envelhecimento, estabelecida sobre o princípio da solidariedade. A ação estatal ao lado da nova normatização, como destacam os *policy makers*, permitiu alterar a visão sobre o envelhecimento, no aspecto econômico, de “um copo meio vazio para um copo meio cheio”<sup>33</sup> e abriu a perspectiva de construção de novas indústrias de “campeões nacionais”<sup>34</sup>.

As consultorias francesas estimam que a economia da longevidade representa atualmente 92 bilhões de euros ao ano e, em 2020, atingirá 130 bilhões<sup>35</sup> no país. Isso significaria um acréscimo de 0,25 ponto percentual no PIB e a criação de até 300 mil postos de trabalho. Em direção a essas metas, o governo, em 22 de outubro de 2018, adotou uma nova ação operacional e constituiu um comitê oficial da *silver économie*. O conselho nacional é composto de 65 integrantes (empresas, coletivos locais, organizações profissionais, entre outros) e trabalha em conjunto com três forças tarefas (inovação, exportação e formação) que, por sua vez, são desmembrados em grupos de trabalho (território urbano, habitação e inovação tecnológica). Completam a ação os conselhos regionais e um escritório central. Essas instâncias trabalham em parceria com plataformas digitais<sup>36</sup>, aceleradoras<sup>37</sup>, associações, conselhos municipais, entre outros representantes da sociedade civil. Todos atuam sob o selo “*Acteur de la Silver Eco – une filière industrielle soutenue par le gouvernement français*”.

Em nome de uma melhor compreensão, é indispensável lembrar aqui que o conjunto dessas ações estão em consonância com o relatório



**No Brasil, o envelhecimento populacional em ritmo acelerado nas três últimas décadas fez do segmento etário com mais de 80 anos aquele com maior taxa de crescimento no conjunto da população. De 2010 a 2040, espera-se que os chamados “mais idosos” passem de 1,5% do total da população brasileira para 7% (um contingente de cerca de 13,7 milhões de pessoas).**

“*La Silver Économie, une opportunité de croissance pour la France*”, de 2013, e marco inaugural dessa estratégia, elaborado, de forma inédita, a partir de atuação conjunta do ministério de Solidariedade e Saúde e do ministério da Indústria. O relatório, redigido pelo France Stratégie<sup>38</sup> (o Ipea francês), faz seis propostas de políticas públicas para estimular a construção dessa “via” (*filière*, como denominam os franceses, ou, em tradução livre, “filão” ou “veeiro”) para o crescimento econômico: fomento a setores estratégicos, como a teleassistência (incluindo a robótica social ou assistiva) e adaptação de residências, adoção de política de selos como certificados para produtos e serviços destinados aos idosos, desenvolvimento de novos serviços financeiros para estimular a poupança, educação financeira, política industrial (P&D)<sup>39</sup>.

São inúmeros os resultados obtidos em cinco anos, embora, evidentemente, seja uma atuação que poderia ser classificada como economia paliativa, pois o país enfrenta as demandas sociais, sobretudo de CDL, como todos os outros. É uma política, porém, em construção e suas perspectivas podem ser medidas pelos casos de sucesso vencedores de prêmios para start ups ou projetos industriais na área da gerontologia, como o Bourse Charles Foix, da Ong Silver Valley, o Silver Eco and Ageing Well International Award, ou o Anuário da Silver Économie publicado desde 2014, ambos do SilverEco.fr<sup>40</sup>.

#### **O PAPEL DA GERONTECNOLOGIA**

Os CLD estão cada vez mais presentes no debate socioeconômico nas sociedades envelhecidas ou em processo de envelhecimento. No Brasil, o envelhecimento populacional em ritmo acelerado nas três últimas décadas fez do segmento etário com mais de 80 anos aquele com maior taxa de crescimento no conjunto da população. De 2010 a 2040,

espera-se que os chamados “mais idosos” passem de 1,5% do total da população brasileira para 7% (um contingente de cerca de 13,7 milhões de pessoas)<sup>41</sup>. No mesmo período, esse subgrupo saltará de 14% para 25% da população idosa do país (com mais de 60 anos). Essa população é a mais vulnerável a doenças crônicas, situações limitantes das atividades da vida diária e dependência, ou seja, é a maior demandante de CLD. É o chamado “superenvelhecimento”<sup>42</sup>.

Ao lado do debate sobre a inclusão dos CLD como um quarto pilar no escopo constitucional da Seguridade Social no Brasil<sup>43</sup> e em muitos países, a gerontecnologia surge como uma solução mitigadora dos efeitos ou da carga de cuidados a serem assumidos pelas famílias, pela sociedade civil ou pelo Estado. A vida humana vem sendo, cada vez mais, mediada pela tecnologia, logo, os CLD também são submetidos a essa inexorabilidade. A demanda por cuidado é percebida como uma oportunidade pela indústria de TIC. Neste aspecto, a gerontecnologia está no âmago da estratégia da economia da longevidade<sup>44</sup>, com o desenvolvimento de novos produtos e serviços (públicos ou privados) para atender a uma nova estrutura de consumo das famílias com mais idosos e menos crianças.

Do ponto de vista de quem demanda por CLD, a gerontecnologia é apontada como uma importante aliada para suprir as necessidades de idosos em função do crescente número de pessoas vivendo sozinhas nas grandes cidades<sup>45</sup>, da escassez de mão de obra para cuidados, sobretudo informal e feminino, e do novo perfil epidemiológico, com maior incidência de doenças crônicas, como os vários tipos de demência. A literatura aponta a “ajuda direta aos idosos” como a área “pronta para a inovação” em oferta de serviços digitais capazes de auxiliar na socialização, busca de trabalho e CLD ou saúde (telemedicina)<sup>46</sup>. Desta maneira, a gerontecnologia seria a alavanca para a construção de um complexo industrial da saúde e do cuidado<sup>47</sup>.

A adoção da tecnologia para os CLD transformará o segmento da população com mais de 80 anos no maior beneficiário dessa aplicação de tecnologia, assim como transformará o gerontólogo em um profissional da área tecnológica. Esse segmento é cada dia mais dependente da conectividade para assegurar os serviços e produtos necessários para a dignidade e bem-estar (art. 230 da C.F.) da pessoa idosa, independentemente de classe social, sobretudo para permitir um envelhecimento em suas próprias residências (*ageing in place*) ou, no extremo oposto, a gestão de residenciais cada vez maiores. Tem sido sugerido que os produtos de inteligência ambiental serão o equivalente moderno dos mordomos, empregadas domésticas e manobristas.

**Artigo 1**Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

Os sistemas computacionais estão encontrando seu caminho em roupas, móveis, itens pessoais, transporte, controle ambiental e segurança em casa. A remoção de barreiras ao uso efetivo de TIC pode levar a uma melhor adoção e aceitação das novas tecnologias, resultando em prolongada vida independente e envelhecimento em casa, além de maior participação ativa na economia e na sociedade. As próximas gerações de idosos e mais-idosos tendem a ser muito mais familiarizadas com as TICs.

Os serviços públicos também se informatizam e estabelecem, muitas vezes, acesso exclusivamente pelos meios digitais, seja para agendamento ou monitoramento, exigindo inclusão digital, como mostra o filme *Eu, Daniel Blake*, de Ken Loach (2016), no qual o personagem do ator Dave Johns, além da barreira econômica, enfrenta o cerco digital para ter direito ao seguro-desemprego. A perspectiva é de ampliação dessa automação nas cidades inteligentes. Ao analisar os efeitos da chamada 4ª Revolução Industrial, isto é, do impacto da substituição da mão de obra humana pela Inteligência Artificial (IA), especialistas destacam o papel da dinâmica demográfica nesse processo<sup>48</sup>.

O envelhecimento da população oferece um outro motivo para o desenvolvimento da robótica inteligente. Os robôs (ou as variadas formas de automação) saem das fábricas, das seções de pinturas, soldagem e montagem para os hospitais, asilos, casas e empresas de serviços. Passam a ser assistentes pessoais, cuidadores, acompanhantes, professores, mensageiros, distribuidores de remédios em hospitais, auxiliares de enfermeiros, personal trainers, apoio de astronautas, motoristas, ajudantes de cozinha. Esta é uma realidade do capitalismo contemporâneo, independentemente da necessidade de nossa visão crítica ou questões éticas. Em poucos anos, apontam os especialistas na área, serão mais que aspiradores de pó, serão sua companhia, seu amigo, seu colega, seu tutor, seu carro. Os impactos sobre os empregos e a concorrência global ainda são imensuráveis<sup>49</sup>.

A gerontecnologia apresenta outras dimensões a serem analisadas. A aplicação da inteligência artificial promete customizar (individualizar) a utilização das TICs permitindo, assim, criar empregos em áreas como a educação, design, saúde e “serviços de cuidados para idosos”<sup>50</sup>. É essa dimensão o principal motor da concorrência global estabelecida em torno da gerontecnologia, sobretudo na área de teleassistência ou robótica assistiva. Dito de outra forma, é a dimensão econômica-industrial da chamada “cadeia global de afeto e de assistência”<sup>51</sup>.

A inclusão destes dispositivos, em etapas, na cesta de consumo das famílias promete situar os CLD como consumo protagonista e fator determinante do crescimento econômico dos países. *Quem produz? O*



**O conceito da economia da longevidade é ainda confundido com sua definição mais simplória, como mencionado no início deste artigo, isto é, como apenas um nicho de mercado suscitado pelo aumento do percentual de pessoas com mais de 60 anos no total da população.**

*quê produz? A quem vende? Quais necessidades é capaz de atender?* Essas são as questões em pauta nas discussões econômicas dos organismos multilaterais sobre a emergência da tecnologia para o envelhecimento. A corrida pela liderança global no comércio desses produtos e a construção de uma cadeia global de suprimentos<sup>52</sup> incentivam a ampliação do investimento em P&D ou mesmo incentivos fiscais para a indústria nascente da gerontecnologia, como outros países estão providenciando<sup>53</sup>, com vistas a “ampliar a qualidade do cuidado”<sup>54</sup> e pelo potencial econômico.

#### **BRASIL: UMA VISÃO CRÍTICA**

A economia da longevidade começou a dar seus primeiros passos no Brasil em 2007 no ambiente acadêmico<sup>55</sup>. O conceito, porém, vem sendo difundido de forma muito tímida, sem constituir-se ainda um tema de política pública ou mesmo empresarial. É inexistente qualquer ação estatal – seja federal, estadual ou municipal – para construir uma estratégia, tal qual a que vem sendo elaborada na União Europeia<sup>56</sup>, nos Estados Unidos ou no Japão.

Como abordado na seção anterior, essa estratégia dependeria de empenho coordenado no âmbito da pesquisa, da inovação, do empreendedorismo, da educação, isto é, do Estado. Assim, seria capaz de motivar investimentos voltados a atender às novas demandas suscitadas pela alteração da estrutura do consumo familiar de uma sociedade envelhecida. Da mesma forma, auxiliaria a sustentabilidade dos gastos públicos relacionados ao envelhecimento populacional, como é o objetivo da economia da longevidade na Europa<sup>57</sup>.

A carência dessas novas perspectivas faz com que o Brasil insista em procurar adaptar a dinâmica populacional à matriz econômica pré-determinada pelo neoliberalismo em vez de debater alternativas opostas. Essa insistência faz com que, no debate público, prevaleça uma visão negativa da dinâmica demográfica com forte tom fiscalista focado no repetitivo discurso de aumento de gastos da seguridade social (saúde, previdência social e assistência social). O conceito da economia

**Artigo 1**Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

da longevidade é ainda confundido com sua definição mais simplória, como mencionado no início deste artigo, isto é, como apenas um nicho de mercado suscitado pelo aumento do percentual de pessoas com mais de 60 anos no total da população.

Essa é a ideia que prevalece na mídia e estimula maior preocupação do setor privado a buscar esse consumidor. Em outras palavras, negligencia-se o todo – uma política industrial estratégica – em nome de uma parte – o marketing. Essa mixórdia na assimilação do conceito provoca sua confusão com uma ideia de que a economia da longevidade seria uma mercantilização ou exploração de estímulo consumista da população idosa. Mais do que isso. Esse entendimento equivocado elide aspectos verificados nas experiências internacionais, como o efeito positivo da economia da longevidade para combater o idosismo (*ageism*), promover uma vivência intergeracional e/ou o seu consequente potencial para aumentar a empregabilidade ou estimular o empreendedorismo entre os idosos<sup>58</sup>.

Esse ruído restringe a gama de produtos e serviços a segmentos mais claramente relacionados ao processo de envelhecimento, como saúde, farmacêutico, cuidados e beleza (cosméticos), entre outros. O setor brasileiro de TIC, salvo poucas empresas de teleassistência, ainda ignora o potencial da *silver economy*. Mesmo empresas multinacionais, cujas sedes estão envolvidas com o tema do envelhecimento mundo afora, no Brasil, suas filiais estão afastadas dessa discussão, como é o caso do Google. Boa parte desta ignorância pode ser atribuída à ausência do setor público do debate, ao interesse de industrialização apenas na sede da empresa nos países desenvolvidos e ao alto nível de desconhecimento das ações mundiais no âmbito da economia da longevidade, levando o país a discutir o envelhecimento da população sob uma perspectiva estreita.

Em 2013, o governo brasileiro constituiu uma comissão interministerial denominada “Compromisso Nacional para o Envelhecimento Ativo”<sup>59</sup> sem a participação dos ministérios da área econômica, como o da Fazenda e o do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. O fato faz crer que o poder público excluiu a hipótese de que o envelhecimento populacional possa oferecer alguma possibilidade de geração de riqueza. Nas próprias atas da reunião da comissão fica evidente que o objetivo do grupo era discutir políticas públicas “voltadas ao *atendimento* da população idosa”, revelando assim uma atuação meramente assistencialista – que não deixa de ser indispensável em um país desigual como o nosso, mas não pode ser resumida em si mesma.

As políticas e ações dirigidas ao segmento idoso estão, no nível federal, espalhadas por mais de dez ministérios, sem nenhuma articulação estratégica, embora o Instituto de Estudos de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), autarquia hoje vinculada ao Ministério da Economia, seja o *think tank* com maior produção de dados e estudos de alto nível sobre o processo de envelhecimento populacional. Nas atas das reuniões da citada comissão do governo, o tema da economia da longevidade nunca foi mencionado pelos integrantes. Desta forma, as ações do governo central, estados e municípios são empreendidas sem uma articulação e sem qualquer diálogo com o setor privado. Esse panorama piorou consideravelmente depois de 2016, quando o envelhecimento da população passou a ser radicalmente interpretado como gasto para justificar a necessidade de reforma da previdência social.

Por parte da sociedade civil e de organismos de exercício da cidadania, diante de uma imensa demanda social num país com acentuada desigualdade de renda e riqueza, o debate concentra-se na reivindicação de direitos da pessoa idosa estabelecidos pela Constituição Federal de 1988, pela Política Nacional do Idoso de 1994 (Lei 8.842) e pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741) de 2003. Todo esse arcabouço normativo navega no campo social da política pública (previdência social, assistência social, saúde, educação, cultura, trabalho, desenvolvimento rural, igualdade racial e igualdade de gênero) com poucas referências às obrigações ou possibilidades no campo do setor privado. Esse, por sua vez, exige do setor público austeridade fiscal, logo, essas reivindicações por direitos entram em um ciclo perverso que impede, só para citar um exemplo, a adaptação de cidades para o envelhecimento da população<sup>60</sup>.

Embora tenha sido considerado um avanço no aspecto da emancipação do cidadão idoso, o texto normativo brasileiro delega ao setor privado total liberdade em relação ao envelhecimento populacional, sem exigir obrigações ou estimulá-lo para a busca de oportunidades e inovação diante da transformação demográfica. Nos 118 artigos do Estatuto do Idoso, nenhum faz referência às empresas ou aos investimentos que poderiam aprimorar serviços ou produtos que beneficiem e/ou promovam o bem-estar da pessoa idosa. Isto significa dizer que nenhum estímulo legal nesse sentido foi considerado pelos legisladores a setores estratégicos.

O problema para o Brasil é que os outros países, sobretudo os mais ricos, continuam a adotar uma política industrial como sempre o fizeram, com promoção de setores, empresas e tecnologias tidas como



## **Como o Brasil pretende enfrentar seu desafio de envelhecimento populacional até o fim do século? Quais os setores que elegeu como estratégicos? Qual o potencial que vislumbra no envelhecimento de sua população?**

chave para a modernização das forças produtivas. No enfrentamento da questão demográfica, os países ricos estão acentuando ainda mais essa tradição<sup>61</sup>. A despeito desse quadro na área pública, o Brasil assiste a algumas ações voltadas ao segmento idoso no âmbito estatal em consonância com a economia da longevidade.

A questão é que essas iniciativas são totalmente desarticuladas, sem visão sistêmica. É difícil responder à pergunta: como o Brasil pretende enfrentar seu desafio de envelhecimento populacional até o fim do século? Quais os setores que elegeu como estratégicos? Qual o potencial que vislumbra no envelhecimento de sua população? No setor privado, existe também uma grande movimentação em busca do consumidor idoso, com desenvolvimento de novos serviços e produtos, embora ainda muito restrito às regiões Sudeste e Sul do país e, novamente, sem um maestro seja estatal, não governamental ou privado a comandar uma harmonia econômica.

A literatura internacional aponta como setores mais promissores da economia da longevidade os de telecomunicação, teleassistência, financeiro, habitação e/ou construção, transporte, turismo, energia, cultura, educação, infraestrutura, saúde (*healthcare*), serviços locais, cosméticos e beleza e cuidados de longa duração. O dinamismo de cada um desses setores combinados à transformação demográfica, no entanto, depende das características de cada sociedade, isto é, das especificidades de cada economia (vantagens comparativas). Depende também da maneira como as parcerias entre as entidades públicas, privadas e sociais (não governamentais) são estabelecidas a partir de uma rede capaz de promover o papel da inovação (vantagens competitivas) como fator de desenvolvimento.

É possível mencionar ações em todos esses setores no Brasil que buscam aproveitar o envelhecimento como fator econômico. No entanto, essas iniciativas estão dispersas sem interação com a universidade, os centros de pesquisa, os laboratórios, os financiadores de projetos, deixando assim de constituir-se como estratégia de política industrial ou de alavanca para estimular o crescimento econômico por

meio das receitas tradicionais ou da concepção de política focalizadas (por missões de acordo com as deficiências).

A economia da longevidade encontra como barreira a falta de um projeto nacional de desenvolvimento capaz de fazer dobrar o atual nível de renda per capita do país<sup>62</sup> até 2034 dos atuais US\$ 10,3 mil para US\$ 20 mil e elevar o seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos atuais 0,718 (84<sup>a</sup> posição) para 0,809, considerados parâmetros mínimos pelo Banco Mundial para uma economia ser definida como desenvolvida. Isso demandaria um crescimento do PIB de 4% ao ano nos próximos 20 anos<sup>63</sup>. É ainda ignorada a sua capacidade para ajudar o país a alcançar essas metas a partir da geração de riqueza pela própria dinâmica demográfica.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito da economia da longevidade, como demonstrado neste artigo, é uma obra em construção em todos os países. É uma nova interpretação do ponto de vista socioeconômico do envelhecimento populacional, transferindo seu diagnóstico – embora parcialmente – da coluna dos custos para a das receitas. Por seu caráter ainda inconclusivo, essa estratégia de desenvolvimento econômico é portanto um risco para os países em desenvolvimento, como o Brasil, um novo desafio na divisão internacional do trabalho e uma imensa oportunidade – uma vez que todos os concorrentes estão ainda em fases diferenciadas de elaboração e ação.

A área de produtos com alto valor agregado é o centro desta estratégia global e, portanto, demanda ainda mais investimento em P&D. A gerontecnologia, no aspecto econômico, estabeleceu uma nova corrida no comércio global. Assim como o século XX assistiu a uma chamada corrida armamentista, ainda em curso, o século XXI desenha, como propomos chamar, uma *corrida populacional*. Esta disputa está baseada na equação dos sistemas de seguridade social, mas não apenas. Está também calcada na disputa entre os países para atender às novas necessidades de consumo das famílias, com mais idosos e menos crianças, e a crescente carência por mão de obra para os CLD.

Esse panorama impõe aos países a alteração do ponto de vista das políticas públicas em relação ao envelhecimento populacional – de custo para receita – e do imediato investimento em P&D para aqueles esperançosos em disputar essa corrida populacional de uma maneira promissora, pois é ela quem definirá a posição relativa das nações no comércio mundial nas próximas décadas. Por enquanto, as perspectivas brasileiras ainda são bastante nebulosas. ☹

## Artigo 1

Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FELIX, J. O idoso e o mercado de trabalho. In: ALCANTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 241-263. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=28693](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28693). Acesso em: 18 mai. 2019.
2. Ver conceitos em HARVEY, D. *Condição pós-moderna São Paulo*: Loyola, 2013; BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; e em CASTELLS, M. *A sociedade em rede, v. 1*. In: *A era da informação, economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
3. Sobre a importância das metáforas na formação do inconsciente coletivo, ver *Metáforas da globalização*. In: IANNI, O. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 9ª edição, 2001. p. 13-25.
4. FELIX, J. S. *Batalhadores depois dos 60: uma crítica aos tipos de integração do idoso no mercado urbano de trabalho*. 2018. 263 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21335>. Acesso em: 21 mai. 2019.
5. FELIX, J. S. Economia da longevidade, gerontecnologia e o complexo econômico-industrial da saúde no Brasil: uma leitura novo-desenvolvimentista. In: *Kairós*, v. 21, n.1, 2018a, p. 107-130. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/38141/25876>. Acesso em: 21 mai. 2019.
6. FELIX, J. S. Economia da longevidade: uma revisão da bibliografia brasileira sobre os estudos do envelhecimento da população. Artigo apresentado no VIII Encontro da Associação Brasileira de Economia da Saúde, PUC-SP, São Paulo, 2007.
7. WASSEL, J.; BRADLEY, D. B. Pedagogical opportunities in the expanding longevity economy, 2019. Disponível em: [www.aghe.org](http://www.aghe.org). Acesso em: 21 mai. 2019. Instituições relevantes na Europa e nos Estados Unidos já adequaram currículos de economia ou gerontologia, como por exemplo o Massachusetts Institute of Technology (MIT), a Paris School of Economics (PSE), entre muitas outras. Ver COUGHLIN, J. F. *The longevity economy*. New York: PublicAffairs, 2017.
8. OXFORD ECONOMICS. *The longevity economy: generating economic growth and opportunities for business*. Briefing paper by Oxford Economics to AARP, New York, 2014. Os gastos fora do consumo de saúde foram estimados usando a Pesquisa de Despesas do Consumidor do Bureau of Labor Statistics de gastos por unidades consumidoras, com uma pessoa de referência acima de 50 anos e escalada para subnotificação usando dados do Rendimento Nacional e Contas de Produtos do Bureau of Economic Analysis. Exclui todos os gastos com aluguel ou aluguel imputado. Despesas com cuidados de saúde estimadas usando dados dos Centros dos Estados Unidos para o Medicare e o Medicaid Services National Health Expenditure. O impacto econômico doméstico total desses gastos, incluindo impactos diretos, indiretos e induzidos, é calculado usando o pacote de software Implan. Os dados são calculados com valores de referência de 2011.

9. FELIX, J. Silver economy: opportunities and challenges to Brazil adopt European Union's strategy. In: *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, v. 29, issue 2, p. 115-133, 2016. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13511610.2016.1166937>. Acesso em: 21 mai. 2019.
10. KLIMCZUK, A. Supporting the development of gerontechnology as part of silver economy building. In: *Journal of Interdisciplinary Research*, paper n. 61886, Munich, 2012. Disponível em: <http://mpa.ub.uni-muenchen.de/61886/>. Acesso em: 21 mai. 2019.
11. Europe Commission. *Europe's demographic future: facts and figures on challenges and opportunities*. Brussels, 2007, p. 96.
12. ENST, P.; NAEGELE, G.; LEVE, V. The discovery and development of the silver market in Germany. In: F. KOHLBACHER; HERSTAT, C. (ed.). *The silver market phenomenon: business opportunities in an era of demographic change*. Berlin: Springer, first edition, 2008, p. 325-339.
13. HEINZE, R.G.; NAEGELE, G. Silver economy in Germany: more than only the economic factor: old age! *GeroBilim: Journal on Social & Psychological Gerontology*, issue 02/09, 2009, p. 37-52.
14. DESCHAVANNE, E.; TAVOILLOT, P. H. *Philosophie des âges de la vie*. Paris: Grasset, 2007.
15. KLIMCZUK, 2012, op. cit.
16. KLIMCZUK, A. *Economic foundations for creative ageing policy, context and considerations*, v. 1. New York: Palgrave Macmillan, 2015, p. 75-107.
17. FELIX, J. Economia da longevidade e economia do 'care': o envelhecimento populacional a partir de novos conceitos. In: *Argumentum*, Ufes, v. 6, n. 1, 2014, p. 44-63.
18. FELIX, J., 2007, op. cit.
19. FELIX, J. *Viver muito, outras ideias sobre envelhecer bem no século XXI (e como isso afeta a economia e o seu futuro)*. São Paulo: Leya, 2010.
20. PHILLIPSON, C. The political economy of longevity: developing new forms of solidarity for later life. In: *The Sociological Quarterly*, n. 56, 2015, p. 80-100.
21. Oxford Economics, 2014, op. cit.
22. ZIMMER, B. Enjeux et opportunités de la filière silver économie: exemple de la France, 2017. In: *Angewandte Gerontologie Appliqué*, Zürich, doi: 10.1024/2297-5160/a000030. Ver também: Europe Commission, 2007, op. cit.; Europe Commission. *The silver economy: final report*. Luxemburg, Publications Office of the European Union, 2018, doi: 10.2759/640936; Europe Commission. *Growing the European silver economy, background paper*, 23 Feb., 2015; European Commission. *Innovation for active & healthy ageing. Final report European Summit on Innovation for Active and Healthy Ageing*, Brussels, 9-10 Mar., 2015a.
23. Disponível em: <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/en/h2020-sections>. Acesso em 21 mai. 2019.
24. FELIX, 2018a, op. cit. Ver também KLIMCZUK, 2012, op. cit.
25. FELIX, 2016, op. cit.

**Artigo 1**Economia da longevidade:  
um caminho para o desenvolvimento econômico

26. Sobre este conceito ver KLIMCZUK, A. *Economic foundations for creative ageing policy, context and considerations*, v. 1. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
27. Ver HEINZE, Naegele, 2009, p. 37, op. cit.
28. Ver European Commission, 2015a, op. cit., p. 17.
29. Ver Divisão de Estudos da População das Nações Unidas. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/index.asp>. Acesso em 21 mai. 2019.
30. LE MAIRE, B. In: *Annuaire officiel de la silver économie*, ministère des solidarités et de la santé et ministère de l'économie et des finances. Paris, 2019. Disponível em: [silvereco.org](http://silvereco.org). Acesso em 21 mai. 2019.
31. Um dos maiores exemplos é o grupo francês Orpea Clinea, com mais de 800 unidades na Europa, que está no Brasil. in: *Valor Econômico*. Disponível em: <https://www.valor.com.br/empresas/5600515/residencia-de-alto-padrao-para-idoso-atrair-investidor>. Acesso em 21 mai. 2019.
32. Ver FELIX, 2016, op. cit. Ver também BERNARD, C.; HALLAL, S.; NICOLĂI, J. P. *La silver économie, une opportunité de croissance pour la France*. Commissariat Général à la Stratégie et à la Prospective, Paris, 2013. Disponível em: [www.strategie.gouv.fr](http://www.strategie.gouv.fr). Acesso em 21 mai. 2019.
33. *Annuaire officiel de la silver économie*, 2019, p. 13. Disponível em: [silvereco.org](http://silvereco.org). Acesso em 21 mai. 2019.
34. Sobre o debate e histórico da estratégia de “campeões nacionais”, ver Felix, 2018, op. cit., p. 30-32.
35. Le Groupe Xerfi, 2015.
36. Disponível em: [www.silvereco.fr](http://www.silvereco.fr). Acesso em: 21 mai. 2019.
37. Disponível em: <https://www.silvervalley.fr/>. Acesso em: 21 mai. 2019.
38. Disponível em: <https://www.strategie.gouv.fr/>. Acesso em: 21 mai. 2019.
39. BERNARD, C.; HALLAL, S.; NICOLĂI, J. P. *La silver économie, une opportunité de croissance pour la France*. Commissariat Général à la Stratégie et à la Prospective, Paris, 2013. Disponível em: [www.strategie.gouv.fr](http://www.strategie.gouv.fr). Acesso em: 21 mai. 2019.
40. Disponível em: <https://www.silvereco.fr/annuaire-national-silver-economie>. Acesso em: 21 mai. 2019.
41. Censo IBGE, 2010.
42. Camarano estima que os CDL representavam, em 2010, 11% do PIB. Ver CAMARANO, A. A. *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
43. CAMARANO, A. A. *Cuidados de longa duração para a pessoa idosa, um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010.
44. Ver FELIX, 2007; 2010, 2014, 2016; KLIMCZUK, 2012; BERNARD et al., 2013, op. cit.
45. VÉRAS, M.P.B.; FELIX, J. Questão urbana e envelhecimento populacional: breves conexões entre o direito à cidade e o idoso no mercado de trabalho. In: *Cadernos Metrópole*, v. 18, n. 36, PUC-SP, jul. 2016, p. 441-459. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3607>. Acesso em: 21 mai. 2019. Ver também: KHARAS, H.; REMES, J. Cidades inteligentes podem ser justas: tecnologia permite às cidades serem mais inclusivas. In: